

primeira ultrapassa a natureza e o modo habitual de viver, não admitindo matrimônio nem procriação, nem comércio nem posses. Afastando-se da vida de todos os dias, ela se volta exclusivamente, inundada de amor celeste, ao serviço de Deus. . . A dos outros é menos sublime. Eles vivem castamente no matrimônio e se dedicam à propagação do gênero humano: ocupam-se dos negócios e do exército, da agricultura e do comércio. . . Para eles se determina uma hora para seus exercícios de piedade e certos dias são consagrados à instrução religiosa e à leitura da lei de Deus". (PG 22,76s).

Assim se chega a distinguir e a hierarquizar categorias, p. ex. na ordem de procissão indicada em 396 por Victrício de Ruão (PL 20,445). Reportando-se à distinção dos "três tipos de homens" que já Orígenes mas sobretudo Agostinho haviam ligado às figuras de Noé, Daniel e Jó, Gregório Magno (+604) sistematiza a distinção entre três categorias de fiéis: os pastores, os celibatários, e os casados ("Moralia" I,14,20: PL 75,535). Aqui, porém, já entramos no período da Idade Média que, por razões de espaço, examinaremos numa próxima oportunidade.

Gregório Magno († 604) sistematiza a distinção entre três categorias de fiéis: os pastores, os celibatários, e os casados.

Conclusão — A síntese histórica acima é muito sucinta. Congar a referenda naturalmente com ampla bibliografia que cita, e que aqui omiti. Mas é muito difícil reduzir a complexidade dos fatos, ainda mais tratando-se de um período de vários séculos, a algumas páginas de avaliação. Em todo caso parece clara a tendência a radicalizar, como se fará ao longo da Idade Média e depois, a separação, não apenas a distinção, entre clero e laicato, entre a "perfeição" da vida religiosa e a "imperfeição" da vida no "mundo", no "século". O luminoso cap. IV da "Lumen Gentium", sobre os leigos, mantendo, é claro, a distinção, supera a separação. Possa o próximo Sínodo, sobre os leigos, dar mais alguns passos ainda, nessa direção.

Notas:

¹ "Dictionnaire de Spiritualité", fasc. 59-60, Beauchesne, Paris 1975, cols. 79-108. Omito quase totalmente as referências bibliográficas, numerosas, de Congar: os interessados confirmam o original. As siglas PL e PG indicam, respectivamente, Padres Latinos e Padres Gregos da coleção Migne.

² Num texto, porém, que alude à liturgia do Antigo Testamento.
³ TOB = Traduction Oecuménique de la Bible, NT, Du Cerf, Paris 1972

⁴ Algumas linhas acima, Congar já fizera a mesma ressalva, mas sem prová-la. A meu ver, parece-me o contrário: trata-se sempre de alguma forma de "ministérios instituídos" e de um grupo sempre "definido em forma fixa e institucional".

⁵ Mas cf. a 1a. carta de João: "filhinhos" . . . (1 Jo 2,1.12.14.18.28 etc.)

⁶ Congar não menciona aqui, por um lapso, os diáconos, certamente atuantes na Igreja, nesse período.

⁷ Esta alínea sobre os mártires leigos não se encontra no original.

⁸ Esta notícia de Jerônimo não se encontra em Congar. Cito-a de memória.

Endereço do Autor: R. Dep. Antonio Edu Vieira, 476
88.040 – Florianópolis – SC.

**Pelo Diretório Acadêmico Paulo Bratti:
Vilmar M. Euzébio (3º ano); Jesus Jimenez (3º ano),
Márcio Bartel (3º ano) e Leocádio Espindola (3º ano)**

Visão crítica do leigo na Igreja

Não podemos negar que após o Concílio Vaticano II o leigo passou a ter uma atuação própria e específica dentro da Igreja. Começou a exercer papéis e tarefas que até então eram somente de competência da hierarquia. No entanto, a realidade atual parece-nos mostrar que ainda estamos muito aquém das propostas e objetivos conciliares em relação ao leigo. Lembramos que os bispos em Puebla fazem "um apelo urgente aos leigos para que se comprometam na missão evangelizadora da Igreja, missão da qual a promoção da justiça é parte integrante e indispensável e que mais diretamente diz respeito à tarefa leiga, sempre em comunhão com os pastores" (DP. 827). Frisamos e concordamos com essa comunhão, salientando porém, que esse objetivo não significa total submissão dos leigos ao clero.

Assim sendo percebe-se na realidade uma falta de apoio na formação de lideranças, valorização das que já existem e incentivo para as futuras.

Deparamos também com a preocupação dos leigos em relação aos documentos da Igreja. Eles acham de suma importância a (tradução) dos documentos em linguagem mais popular, para que assim atinjam melhor as bases.

Os jovens reclamam valorização e estímulo no trabalho pastoral.

O ecumenismo, tão necessário numa Igreja que vive em meio ao pluralismo, parece lento e difícil.

Certo autoritarismo por parte de alguns clérigos foi denunciado por alguns leigos, que se sentiram atingidos e prejudicados na ação pastoral.

"O leigo deve trazer ao conjunto da Igreja a sua experiência de participação nos problemas, desafios e urgências do seu "mundo secular" — de pessoas, famílias, grupos sociais e povos — para que a evangelização eclesial se enraíze com vigor" (DP 795). Mas será que esta oportunidade lhe é sempre dada?

Como bem escreveu Leonardo Boff: "Precisamos compreender

O ecumenismo, tão necessário numa Igreja que vive em meio ao pluralismo, parece lento e difícil.

der a ação dos leigos não como prolongação da ação da Hierarquia. Eles possuem o seu próprio lugar dentro da Igreja como leigos, e devem agir nesta propriedade, a título próprio" (Igreja Carisma e Poder, Vozes, 1981, pág. 55).

Faz-se necessário ressaltar aqui o papel da mulher na Igreja instituição.

A mulher, assim como o homem, é imagem de Deus. "Deus criou pois o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, homem e mulher os criou" (Gen. 1,27) "A tarefa de dominar o mundo, de prosseguir na obra da criação, de serem com Deus co-criadores, cabe pois tanto à mulher como ao homem" (DP. 841).

Desde o A.T. nos deparamos com a participação feminina — Maria, irmã de Moisés, Ana, as profetisas Débora e Hulda, Rute, Judite, e outras (cf. DP. 842). Sabemos também que, nos primeiros séculos da Igreja, a mulher chegou a exercer o ministério diaconal (cf. Rom. 16,1).

A mulher, assim como o homem, é imagem de Deus.

A mulher foi, é e será sempre uma "ponta de lança" materna e libertadora, de uma sociedade machista que a marginaliza. Infelizmente, a mulher ainda é tratada como mera "assistente" de muitos pastores. Parece que o homem clerical teme a perda ou destronamento de um poder que foi dado a ambos os sexos: O de trabalhar pelo Reino de Deus. Não estará a Igreja perdendo por não dar mais campo e oportunidades à mulher na ação pastoral?

A própria história comprova a figura feminina como propulsora de muitos movimentos populares com total disponibilidade para a ação no trabalho eclesial. É a força de sua mística que encarna o lado materno de Deus.

Ainda assim, muitos se fazem surdos ao belo canto libertador de Maria, mãe do Senhor (cf. Luc. 1,46-55).

"A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humano-cristã da mulher, ajudando-a assim a sair das situações demarginalização em que se encontra, capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial e no mundo" (DP. 849).

Não só nesta pesquisa, mas no constante contato pastoral com o povo, deparamos com muitas exigências e fortes desejos de participação mais direta nos trabalhos missionários. Percebemos isso quando vemos leigos imbuídos de vigor ofertarem seus serviços nos grupos de reflexão, nas CEBs, na conscientização popular que progride a cada dia, buscando uma catequese mais atualizada, principalmente voltada aos problemas sociais latino-americanos.

Vemos leigos imbuídos de vigor ofertarem seus serviços nos grupos de reflexão, nas CEBs, na conscientização popular que progride a cada dia.

Enfim, para ser conduzida pela idéia de serviço e participação, a Igreja não pode mais ser imutável, com estruturas rígidas, e trabalhar com referências definitivas e absolutas. Serviço não se impõe, mas vai de encontro às necessidades. Ela não pode esquecer nunca sua dimensão de provisoriamente e de assumir uma atitude de contínua adaptação aos contextos históricos para prestar seu fiel serviço evangelizador.

"A estratégia libertária do povo se orienta pela superação da atual estrutura monopolística seja do poder civil, seja do poder sagrado, na direção de uma sociedade o mais participada possível" (L. Boff, *ibidem* pág. 185).

Concluimos que o sistema piramidal hierárquico está falho nesta nova sociedade. O método libertador é cíclico, isto é, Cristo — comunidade povo de Deus — pastor. Desta maneira sempre será possível a fraternidade, o progresso e a realização do Reino que começa aqui nesta terra.

"Nenhuma posição neste mundo é irreversível"

Pe. Helcion Ribeiro

Leigos pobres na renovação da Igreja em Santa Catarina

Há, atualmente, na Igreja em Santa Catarina uma renovação ímpar que tem paralelo com dois outros momentos. O primeiro ocorreu tão logo foi criada a diocese de Florianópolis, pelo Papa Pio X, em 1908. Nos quatro anos de pastorio, D. João Becker dinamizou toda a sua diocese, que inicialmente tinha 41 paróquias, 4 curatos e 4 comarcas. O bispo teuto-brasileiro criou mais 5 paróquias, 4 curatos e 10 comarcas, escreveu 5 cartas pastorais, mandou pregar 91 missões populares, convocou o Primeiro Sinodo Diocesano — o do Brasil, fez 12 visitas pastorais e presidiu um Congresso Sacerdotal. Tudo isso num tempo de acirrado anticlericalismo e intensa atuação maçônica.

O segundo período foi o dos primeiros cinco anos do Regional Sul IV (1970-1975). Nesse período foi organizada a Igreja em Santa Catarina, que implantava decididamente o Concílio Vaticano II. O dinamismo do Regional impulsionava todas as dioceses e movimentos, acentuando a renovação "ad intra". Foi uma fase de fervor e entusiasmo religioso, onde nossa Igreja renovou os seminários, impulsionou a liturgia e a catequese, incentivou movimentos tipo Cursilhos de Cristandade, Encontro de Jovens e retiros. Os bispos e o clero se encontravam frequentemente para estudos teológicos-pastorais. Tentavam-se análises de conjunturas sócio-econômicas da realidade catarinense (a partir do sistema) na ótica da criatividade.

O terceiro momento não atinge o Estado como um todo e por isso se torna menos perceptível. Também a pouca distância da história torna mais difícil aprendê-lo. Ainda a difi-